As questões ambientais na pauta do telejornalismo regional – Um Estudo de Caso no Sul da Bahia¹

Betânia Maria Vilas Boas Barreto (UESC-BA)²
Alene da Silva Lins (UESC-BA)³

O telejornalismo regional, na cidade de Itabuna (Ba), é investigado aqui em suas rotinas produtivas de mensagens ambientais, para identificar a prioridade na escolha das informações e as condições de concretização do trabalho nos programas *Bahia Meio Dia* (TV Santa Cruz - Rede Globo) e *Jornal do Meio Dia* (TV Cabrália - Rede Record), através de entrevistas com os realizadores. Superficialidade, agendamento, espetacularização e dramatização estruturam a hipótese, baseada nos estudos em *Newsmaking*. Os dados apontam um escasso conhecimento especializado das equipes, devido às dificuldades de acesso às informações, problemas técnicos e de recursos humanos, levando a um discurso reducionista e insuficiente para retratar o contexto ambiental local, priorizando interesses empresariais, mais do que os informacionais.

Palavras-chave: Telejornalismo Regional; Meio Ambiente; Rotinas Produtivas

Introdução

Ramos (1995, p.29) afirma que a Comunicação Social se insere no contexto da Ciência Ambiental, porque os modelos tradicionais de análises do conhecimento, setorizado em áreas distintas, se mostram inadequados e insuficientes para abordar problemas complexos que envolvem as questões sócio-ambientais. Nesta perspectiva, a temática ambiental é essencialmente interdisciplinar e passa pelo âmbito comunicacional para o conhecimento dos indivíduos.

Por analogia, a Agenda 21 brasileira (MMA, 2000, p. 160), um dos principais documentos retirados do maior encontro de líderes governamentais e não-

¹ Trabalho apresentado à sessão Temas Livres da Intercom.

² Jornalista formada na UEPB-Pb, especialista em Comunicação Educacional pela UEPB-Pb, Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz, orientada pelo professor Dr. Manoel Senna Dutra (UFPA); professora do Curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz e professora do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda das Faculdades e Tecnologia e Ciência (FTC) em Itabuna. E-mail: bete_vilas@uol.com.br.

³ Jornalista, Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz; professora do Curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz e professora de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda das Faculdades de Tecnologia e Ciências (FTC) em Itabuna. E-mail: aleneuescftc@hotmail.com.

governamentais sobre a problemática ambiental no planeta, a Rio 92, aponta o papel dos meios de comunicação, como responsáveis por promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, estando ligados à educação, inclusive com criação de centros comunitários de radiodifusão educativa. Isso implica em dizer que é necessário entender a disseminação de informações e conceitos utilizados pelos veículos de comunicação – Rádio, TV, Impressos e Internet – que passam a ter importante função nas discussões, formando e interferindo nas visões e interpretações sobre a natureza e o ambiente social.

Em âmbito regional, a conexão entre estes dois polos se torna mais nítida, pois são em seus espaços de circulação social, que os indivíduos interagem diretamente entre si e com o meio ambiente, recebendo sua interferência. A televisão se insere neste contexto, como difusora de mensagens ambientais. Daí a necessidade de se compreender a importância da TV, e o real potencial dela como canal condutor destas questões, sua influência e utilização como instrumento comumente usado para repassar informações (RAMOS, 1995, p. 14).

A busca por um conhecimento em termos de discurso ambiental produzido pelo telejornalismo regional, no sul da Bahia, leva à necessidade de se investigar de que maneira esses enunciados são produzidos até chegar aos telespectadores. Desta forma, a identificação das condições de produção se mostra pertinente em termos investigativos, para um maior entendimento de quais os motivos que levam a como as reportagens são estruturadas para irem ao ar nos programas analisados.

Neste sentido, realizaram-se entrevistas, como técnica de amostragem, onde foram levantados questionamentos aos produtores enquanto universo de investigação, sobre as rotinas produtivas e a inclusão da temática ambiental como notícia.

Lopes (2001, p. 144) indica por universo de investigação o “conjunto de unidades (pessoas ou não) tomadas como fontes de informação ou informantes da pesquisa”. A autora alerta ainda para a verificação dos critérios de seleção, dimensão, composição e representatividade de acordo com a pesquisa que está de desenvolvendo. No caso do presente estudo, faz-se necessário para identificar os critérios de implementação dos discursos ambientais verificados nos programas analisados.

Sob este ponto de vista, utilizou-se a técnica de amostragem não-probabilística onde a “inferência estatística não pode ser legítima, uma vez que o pesquisador não conhece a probabilidade que cada unidade tem de ser selecionada para fazer parte da amostra”. Assim, a amostra é tida como significativa ou de representatividade social

(não-estatística), com métodos de manipulação de dados com tendência maior aos aspectos qualitativos (idem, p. 145).

Contudo, dentro do tema proposto, serão utilizadas, conjuntamente, amostragens quantitativa e qualitativa, para uma melhor verificação dos dados. Desta forma, apesar de não ter ocorrido uma pesquisa participante de análise de campo, alguns fundamentos observados na hipótese do *Newsmaking*⁴ foram utilizados neste processo. Para Hohlfeldt (2001) esta seria a pesquisa voltada para a produção de informações e a modificação dos acontecimentos do dia-a-dia em notícias.

Deste modo, é especialmente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está a atenção destes estudos, que incluem sobretudo o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas, bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja ao nível da captação da informação, seja em seu tratamento e edição e, enfim, em sua distribuição. (pp. 203-204)

Portanto, foi montado um quadro geral de como acontece o encaminhamento da notícia até ser veiculada pelas televisões regionais. Na amostra não-probabilística indicada, foram realizadas treze entrevistas com os funcionários das duas televisões, sendo seis com os profissionais que trabalham no Jornal do Meio Dia, da TV Cabrália, e sete com os produtores do jornal Bahia Meio Dia, da TV Santa Cruz.

Da primeira emissora, foram entrevistados: dois repórteres, duas produtoras, uma editora e a chefe de jornalismo. Da segunda, entrevistou-se: dois repórteres, um editor, duas produtoras, uma coordenadora de pautas e o chefe de redação. Não é intenção do presente trabalho traçar uma análise comparativa entre as duas emissoras. As entrevistas foram colhidas ao longo do mês de junho de 2004. A verificação se deu em termos de construção discursiva, pautada pela realidade de produção de cada segmento, para um panorama geral de qual o grau de conhecimento, condições de trabalho e interesses adotados para a transmissão de informações ambientais destes profissionais.

⁴ Segundo Wolf (2003, p. 181-182) é o estudo sobre os processos de produção nas comunicações de massa. Os esforços de análise acabaram, na maioria dos casos, se voltando para o campo da informação, assim, a sociologia do emissores concerne essencialmente aos produtores de notícias.

Rotinas produtivas do telejornalismo regional

Na TV Cabrália, metade da equipe de redação (50%) é formada por estudantes de Comunicação Social, principalmente na parte de produção de notícias. As estudantes são produtoras, supervisionadas pela chefe de jornalismo, que buscam informações e marcam as matérias.

Do universo restante, dentro da equipe, existem apenas duas pessoas com nível superior na área de Comunicação, sendo uma com habilitação em Rádio e TV e outra em Jornalismo, perfazendo 33% do total. Os outros 17% integram os indivíduos que não tem nível superior completo e está se graduando em áreas distintas ao jornalismo. O que se pode averiguar, deste primeiro dado apresentado, é o reduzido número de profissionais da área de comunicação atuando na emissora.

Em termos de rotinas de trabalho, existe apenas duas equipes de reportagem externa, cada uma atuando em turnos diferentes. Não existem equipes à noite. A equipe da redação, pela manhã, é integrada por uma produtora, uma editora, que acumula a função de apresentadora, e a chefe de jornalismo. À tarde, a equipe se resume em um repórter e um produtor, não tendo editor no horário. A carga horária dos estagiários é de cinco horas, de segunda à sexta. Os repórteres trabalham seis horas, juntamente com a chefe de jornalismo.

Segundo os entrevistados, as principais recomendações para os repórteres sobre a execução dos materiais programados inclui, em primeiro lugar, seguir o roteiro de informações (pauta) elaborada pela produção do programa, utilizando a fórmula convencional de se verificar uma notícia – averiguando o que, quem, quando, como, onde e por que – o lead⁵. Outra recomendação importante é não emitir opinião sobre os assuntos e sempre ouvir todos os lados da questão, tentando manter a imparcialidade. É preciso também confirmar as informações, colher dados novos e não fugir do assunto. (Entrevista com Andréia Alves Moreira cedida no dia 16 de junho de 2004). É sob esta modelagem que se formam as reportagens e notícias que entram no telejornal.

⁵ A abertura da matéria. O mesmo que *cabeça do apresentador*. O gancho da reportagem normalmente está no *lead*. (Paternostro, 1999, p. 144)

O JMD tem um perfil voltado para matérias apenas no eixo Ilhéus/Itabuna⁶. Os temas mais freqüentes, segundo os entrevistados, diz respeito à problemas de infraestrutura básica nos bairros, sendo os assuntos mais trabalhados pela equipe (35%). A área policial também recebe atenção da produção, sendo lembrada em 29% dos temas. Na hierarquia de abordagem regular dos assuntos, temas culturais como música e teatro e eventos diversos, principalmente inaugurações, encontros, palestras, entre outros, são lembrados como reportagem, perfazendo 12% cada um. Do total, 6% do espaço também são destinados a denúncias contra a administração municipal nas mais diversas áreas e também 6% à área de saúde.

Analisando o quadro de referência, percebe-se que os produtores não englobam problemas de infra-estrutura básica ou saúde como pertencentes à temática ambiental. Apesar de trabalharem freqüentemente com esses assuntos, nenhum deles foi entendido como pertencentes ao meio ambiente.

Os temas ambientais são considerados como menos abordados pela maioria dos entrevistados, perfazendo 40% do total. No geral, são feitas de três a quatro matérias por mês sobre meio ambiente, não havendo uma regularidade. Política e economia, ambas com 20%, foram também lembradas como assuntos pouco abordados, por serem complexos e de difícil entendimento para o público. Por outro lado, um dado significativo foi que 20% dos entrevistados disseram que não poderiam abordar temas que fossem contra os interesses da empresa. Desta forma, infere-se que outros interesses, além dos jornalísticos, são levados em consideração no momento de realização das reportagens do JMD.

Em relação aos temas considerados ambientais, os mais lembrados foram os ligados à destruição da natureza e biodiversidade. A poluição de rios e mares apareceu em 31% das entrevistas. Em seguida o desmatamento da Mata Atlântica recebeu menção em 17% dos entrevistados e as datas comemorativas ligadas à área ambiental, principalmente a semana do meio ambiente e o dia internacional da água, foram citados por 14%, juntamente com a proteção aos animais silvestres. Para 7%, a qualidade da água foi lembrada, como a devastação dos mangues em Ilhéus, cidade litorânea próxima à Itabuna, e a proliferação de construções em áreas verdes, que receberam 7% cada. Por fim, apenas 3% mencionaram a flora, com o cultivo de orquídeas.

⁶ O quadro montado em relação aos dados da pesquisa com os emissores do presente trabalho se refere à ótica dos entrevistados, produtores do programa. Para uma verificação dos dados em relação ao perfil do telejornal seria preciso uma análise de conteúdo, o que não cabe como objetivo deste estudo.

Percebe-se aqui que a conexão entre meio ambiente urbano e natural não acontece para a maioria os entrevistados. 62% deles mencionaram as questões ambientais apenas com ligação à fauna e flora silvestres, entendendo a necessidade de proteção dos mananciais, dos recursos naturais e dos ecossistemas, sem fazer qualquer ligação com a problemática urbana. Somente 24% dos entrevistados englobaram as questões sócio-ambientais com problemas ligados à urbanização e pobreza, o que leva a percepção de que o contexto urbano estaria à parte das necessidades ambientais dos moradores da região.

Quando questionados sobre as fontes para a realização de suas matérias, os entrevistados apontaram os jornais locais e as revistas, com 28% das referências, de onde é retirada boa parte dos assuntos; os órgãos do governo, com 24%; as ongs e a internet, para 14% dos entrevistados; 7% mencionaram os biólogos e a comunidade local e 3% lembraram da polícia rodoviária federal e de jornalistas de outros veículos de comunicação.

O que se percebe é que a maior fonte de informação para os produtores da TV Cabralia está concentrada em outros meios comunicacionais, perfazendo um total de 42% entre jornais, revistas e internet. Bourdieu (1997) indica o motivo de serem os outros veículos a principal fonte informativa para a televisão.

Para os jornalistas, a leitura dos jornais é uma atividade indispensável e o *clipping* um instrumento de trabalho: para saber o que se vai dizer é preciso saber o que os outros disseram. Esse é um dos mecanismos pelos quais se gera a homogeneidade dos produtos propostos. (p. 32)

Outro aspecto abordado é que os órgãos do governo, ligados às questões ambientais, como IBAMA, CEPLAC (Comissão Executiva Para Pesquisa da Lavoura Cacaueira) e CRA (Centro de Recursos Ambientais), são os mais procurados para obter informações sobre a temática ambiental.

Os profissionais encontram obstáculos dentro e fora da empresa para realizarem materiais de temática ambiental. Os problemas enfrentados vão desde restrições técnicas, como falta de equipamento e transporte, à questão de recursos humanos, sendo reduzido o número de pessoas na redação e nas equipes externas. Também é reduzido o tempo disponível para cada equipe realizar uma matéria, que pode durar, em média, de uma a duas horas, o que inviabiliza os temas sócio-ambientais, pela complexidade de produção e aprofundamento das informações, até a distância e acesso ao local das reportagens. E, por fim, as questões externas como a dificuldade de se conseguir

declarações de órgãos responsáveis, profissionais ligados à área ambiental e das pessoas envolvidas em denúncias. Toda esta gama de condições leva a possível perda da credibilidade da notícia veiculada, o que se reflete no discurso produzido e veiculado pela televisão. Desta forma, percebe-se que o contexto no qual esses profissionais estão inseridos revela-se um componente de impedimento a mais para a difusão de mensagens ambientais.

Quanto ao nível informativo sobre meio ambiente regional, metade dos entrevistados (50%) respondeu que eram pouco informados em relação a assuntos ambientais, 33% se consideravam bem informados e 17% razoavelmente informados. Denota-se, neste sentido, que 67% do total da equipe não se considera bem informada sobre o tema, refletindo este panorama em suas produções e no conteúdo discurso que realizam. Sendo os intermediadores entre os acontecimentos e os telespectadores, esses profissionais precisam estar informados adequadamente sobre os assuntos para terem condições argumentativas para uma construção discursiva que sirva de base informativa para o público.

Outro ponto que amplia este contexto é o fato de nenhum dos produtores locais ter recebido qualquer tipo de treinamento sobre jornalismo ambiental. Para eles esta área se constituiria em “matérias ligadas ao meio ambiente, que mostram as conseqüências dos problemas ambientais, que conscientizem a população para a preservação do meio ambiente, que mostram a degradação ambiental e as belezas naturais e que sirvam para a educação ambiental”, conforme relatos.

Demonstra-se, nestas inferências, um direcionamento para o âmbito ecológico, como se o jornalismo ambiental fosse apenas voltado para as questões externas à comunidade local, para o ambiente natural e para os recursos naturais. Segundo Geraque (2004) não basta apenas enxergar a questão ambiental sob determinada ótica, é preciso se aprofundar em todas as dimensões do assunto.

O autor se refere ainda às causas que podem levar o jornalismo a seguir pelo caminho da unilateralidade. Para ele, o problema é complexo e decorrente de vários fatores, que vão desde a infra-estrutura, recursos humanos ou vontade filosófica (idem).

Em outro ponto da pesquisa foi questionado sobre o espaço dado aos temas ambientais na emissora. Todos concordaram que o espaço é pequeno. Segundo eles, a imprensa se preocuparia em apenas reproduzir o que já se faz, sem maior aprofundamento dos assuntos e sem buscar novidades. Só se voltaria para a temática

ambiental em datas significativas como semana do meio ambiente, criando o efeito de agendamento, e logo depois negligenciaria o tema.

Num outro sentido, abordaram questões econômicas, pois a temática ambiental não atrairia a atenção da audiência, e as pessoas responsáveis só estariam preocupadas em matérias que dêem retorno financeiro ou que beneficiem alguém. Assim, tanto reportagens quanto programas temáticos específicos não seriam interessantes para o mercado regional. A falta de condições técnicas e operacionais foi mais uma vez enfatizada. E, por fim, foi exposta a falta de parceria com os órgãos ligados ao meio ambiente, em termos de colaboração para divulgação de notícias.

Mesmo diante de tantos percalços alegados pelos produtores, 66% consideram o telejornalismo praticado pela equipe de produção bom. Já o restante dos entrevistados se divide em considerar o trabalho fraco (17%) e razoável (17%).

A maioria considera bom porque, devido aos problemas estruturais enfrentados, eles ainda conseguem exibir o telejornal com matérias regionais e acompanhar a concorrente, a TV Santa Cruz. Os 17% que alegaram ser fraco, justificaram sua resposta devido à falta de incentivo da empresa em investir em profissionais experientes, deixando o jornalismo da emissora praticamente ao encargo de estagiárias, ainda estudantes, que não têm experiência suficiente para se fazer um bom jornalismo.

No telejornal Bahia Meio Dia (BMD), da TV Santa Cruz, o tempo total é de 35 minutos de produção, compartilhado entre a TV Bahia, integrante da rede, em Salvador e as emissoras afiliadas do interior. Para a produção local são reservados 20 minutos, correspondendo aos dois últimos segmentos, identificados como blocos, do telejornal.

O primeiro dado a ser identificado é o fato de que não existe, dentro da equipe pesquisada, nenhum indivíduo com formação acadêmica concluída, principalmente na área de Jornalismo. Deste total, 57% dos produtores não fazem cursos ligados à área de Comunicação Social, 29% cursam Comunicação Social e 14% cursam letras. De forma geral, boa parte deste contingente profissional foi formado trabalhando diretamente na emissora, sem formação acadêmica em Comunicação Social.

Deste quadro total, duas pessoas são estagiárias e o restante é composto por funcionários efetivos da empresa. A maioria dos funcionários trabalha na TV há mais de 5 anos, perfazendo 43%. Com mais de dez anos de empresa aparecem 29% dos produtores. O restante engloba 14% para quem tem mais de um ano e também 14% para quem tem menos de um ano, que correspondem aos estágios.

São quatro equipes de reportagens externas: duas atuam pela manhã, uma à tarde e uma à noite. Todas realizam materiais para o BMD. Diariamente, a chefia de redação, de reportagem e coordenação de pauta se reúnem para discutir os assuntos que podem ir ao ar no telejornal. Quem decide quais as notícias que vão entrar no telejornal é o chefe de redação e, em sua ausência, o editor.

De forma geral, o BMD é o telejornal mais descontraído do dia, composto de 34% de matérias de serviços, principalmente de infra-estrutura nos bairros, denominadas de jornalismo comunitário, segundo o chefe de redação (Entrevista com Rogério Silva Santos, cedida no dia 16 de junho de 2004).

Contudo, o BMD aborda outros temas: 25% dos entrevistados indicaram reportagens sobre comportamento; 17% lembraram das matérias de variedades; e 8% mencionaram temas como agricultura, eventos e meio ambiente. Neste sentido, tendo apenas 8% de referência, percebe-se que os produtores não entendem como prioridade do conteúdo do telejornal a temática ambiental. As matérias de agricultura não foram mencionadas como matérias ambientais, levando ao indício também, de qual é a referência dos realizadores sobre o que seja meio ambiente. Matérias como comportamento e variedades ocupam juntas 42% das referências de matérias mencionadas pelos entrevistados.

Bourdieu (1997) critica a tendência do jornalismo contemporâneo em se concentrar em materiais que pouco representam para a comunidade em termos de informações. Ele alega que, matérias como as de variedades, na verdade, teria a função de ocupar o espaço televisivo para deixar de fora assuntos necessários sobre os problemas da realidade social. As matérias de variedades e comportamento correspondem à categoria indicada pelo autor como fatos-ônibus que não se aprofundam, gerando consenso (idem).

Os assuntos que os produtores do telejornal menos abordam são da área política e policial, correspondendo, cada um a 43% do total e culinária, com 14% de indicação dos entrevistados, como abordagens menos indicadas para se transformar em notícia telejornalística. O que se depreende destes dados é que temas que envolvem questões mais aprofundadas e complexas, como a questão política, são percebidos como inadequados ao perfil do telejornal e, segundo os entrevistados, ficam reservados para o telejornal da noite, o BATV. A intenção, ao que parece, é não se aprofundar nos assuntos das matérias, deixando de abordar também questões de interesse coletivo ligados à política, priorizando os fatos considerados “mais leves”.

Sob estes aspectos, a temática ambiental sendo mencionada como integrante do programa, mesmo que com pouco espaço, ganha uma dimensão desta leveza.

Como temas ambientais mais abordados, 43% deles estão ligados ao desmatamento e 26% à Mata Atlântica, 10% são destinados a unidades de conservação, 6% para fauna, água e flora e 3% para eventos ecológicos. Pode-se verificar, com os dados apresentados, que todos os assuntos ambientais abordados no BMD estão intimamente ligados às questões voltados para uma abordagem naturalista do tema. Mesmo tendo as reportagens de serviço social, voltadas aos problemas de infra-estrutura nos bairros da cidade, como base da programação do telejornal, estes assuntos não estão correlacionados à temática ambiental. Nota-se assim, que a visão dos realizadores é setORIZADA e reducionista.

As denúncias contra a devastação da Mata Atlântica, através do desmatamento, da retirada e apreensão ilegal de madeira e das queimadas, foram os assuntos mencionados pela maioria dos entrevistados. Juntos, esses percentuais chegam a 69% do total de matérias.

A preocupação maior, de acordo com os produtores, quando realizam uma reportagem ambiental, é despertar a conscientização das pessoas com relação à preservação do meio ambiente; passar informações do que está acontecendo; educar as pessoas com relação ao respeito ao meio ambiente; ajudar os órgãos responsáveis como um agente fiscalizador; e cobrar das autoridades posicionamento e soluções sobre os problemas ambientais.

De forma geral, toda esta gama de intenções é direcionada somente para os aspectos ligados à fauna e flora de forma pontual, sem trabalhar a complexidade das abordagens ambientais e a visão da comunidade local. Geraque (2004) discorre que os problemas precisam ser mostrados em toda amplitude e aprofundamento, para ser efetivamente compreendido pelos receptores.

A relação entre biodiversidade e meios de comunicação é muito mais do que atual. Ela é uma pauta para o futuro também. Os problemas que envolvem os manguezais, os recifes de coral, a Mata Atlântica e a floresta amazônica, vistos pela ótica dos personagens que respiram e vivem as contradições, são pontos ainda desconhecidos do grande público. Eles precisam ser iluminados, precisam ser mais dissecados pala grande imprensa, ao meu ver. (p. 104)

Buscando compreender como esses produtores encontram informações ambientais, verifica-se de onde surgem as pautas telejornalísticas. Segundo os

entrevistados, boa parte das informações, 30% delas, vêm das organizações não-governamentais atuantes na região. Em seguida aparecem os órgãos do governo estadual e federal como IBAMA, CEPLAC, CRA, com 20% das menções e os outros veículos de comunicação (rádio, televisão e internet) também com 20%. Com 9% aparece a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), juntamente com a polícia rodoviária federal e polícia militar, com 9%. A comunidade é lembrada por 6% dos entrevistados, assim como os meios impressos (jornais e revistas) também obtiveram 6%.

Nota-se que, com relação à temática considerada ambiental pelos entrevistados, as fontes de informação principais são as oficiais, ligadas aos órgãos do governo e as entidades ambientais já estabelecidas, consideradas por eles mais competentes para passarem informações ambientais. Por outro lado, a comunidade não é tida como uma fonte freqüente de informações quando o assunto é meio ambiente, sendo a menos lembrada. Esta tendência indica o direcionamento dado para o discurso que, neste sentido, passa a ser unidirecional, não integrando as diversas visões que podem se apresentar, sobre a temática sócio-ambiental, se fosse ampliado o leque de fontes informativas das notícias.

Refletindo este panorama, mais da metade dos realizadores se disseram razoavelmente informados sobre o meio ambiente regional, constituindo-se em 57% das respostas. Seguindo a tendência do desconhecimento sobre a realidade ambiental regional, 29% disseram que são pouco informados sobre o assunto e somente 14% indicaram ter muito contato com informações ambientais.

Isto se reflete diretamente no que eles consideram como jornalismo ambiental. Para os entrevistados, jornalismo ambiental seria sinônimo de jornalismo comunitário, na realização de denúncias dos “problemas ligados ao meio ambiente para buscar soluções; mostrar o que está sendo destruído; o que está sendo feito de errado pelas instituições políticas, pelos madeireiros, pelos empresários e pela população de baixa renda, que por ignorância destrói o meio ambiente; mostrar a notícia ambiental sem fazer sensacionalismo, divulgando a verdade; divulgar os projetos que dão certo; e tratar a questão ambiental sob a ótica da educação ambiental”, conforme relatos.

Ao que parece, a conceituação de jornalismo ambiental apresentada pelos realizadores do BMD não se verifica na prática de suas emissões noticiosas. A idéia do jornalismo como este complexo de princípios remete à efetiva prática, mas, de acordo com o verificado neste trabalho, o discurso ambiental dos produtores se esbarra nas construções verificadas pelo que é exposto ao telespectador.

Os entrevistados, contudo, apresentaram uma série de problemas enfrentados na realização dos materiais ambientais pautados para as equipes. Em primeiro lugar, as questões de estrutura interna da empresa, como a dificuldade de acesso aos lugares, a distância, o pouco tempo para realização dos materiais e os horários pouco convenientes para a presença da equipe de reportagem aos locais. As equipes não podem sair do eixo Ilhéus/Itabuna para realizarem as matérias, com raras exceções.

Em segundo lugar foram mencionados problemas de ordem externa, como a dificuldade de compreensão da linguagem técnica desenvolvida pelos setores ligados à área ambiental; quando não se tem base de pesquisa, através de pesquisadores e especialistas, para construir a argumentação das matérias; a dificuldade dos órgãos em passar informações; e a dificuldade em encontrar os responsáveis em resolver os problemas expostos.

Também foi questionado, aos realizadores do BMD, se eles tinham algum conhecimento anterior sobre jornalismo ambiental. 43% afirmaram ter participado de uma oficina sobre jornalismo ambiental e 57% responderam que nunca receberam nenhum treinamento especializado.

Para parte daqueles que responderam sim, o treinamento obteve bons resultados, pois ajudou a esclarecer o que são temas ambientais e indicou o melhor uso dos termos técnicos da área ambiental. Por outro lado, alguns entrevistados disseram que o treinamento, por ter sido curto, de apenas algumas horas, não conseguiu surtir o efeito de aprofundamento para traduzir as questões ambientais e inseri-las nas práticas cotidianas das equipes de jornalismo regionais.

Mesmo com um baixo nível informativo e com muitas dificuldades para a realização das reportagens, 71% dos entrevistados consideram que o espaço dado aos temas ambientais na televisão é suficiente para retratar o contexto ambiental da região. Para este contingente “o jornalismo da TV Santa Cruz sempre dá importância aos temas ambientais, dentro das suas possibilidades de pesquisa e informação, já que é um jornalismo comunitário; porque mesmo com dificuldades técnicas são pautadas reportagens ambientais; porque as matérias ambientais não têm restrições para fazer parte do jornal; porque mesmo tendo outros temas para abordar, como política, economia e educação, ainda assim abre espaço para temas ambientais; e porque em um jornal que é exibido seis vezes por semana e, em média, aparecem assuntos ambientais por três vezes, demonstra-se um espaço suficiente para o tema”, conforme relatos.

Em contrapartida, 29% dos entrevistados disseram que não acham suficiente o espaço dado pelo telejornal em relação aos assuntos ligados ao meio ambiente. Para este percentual, seria preciso fazer um programa voltado somente para a ecologia, já que os temas sobre meio ambiente são muito abrangentes; porque os veículos de informação, de forma geral, não disponibilizam espaços para o investimento na temática ambiental.

Fazendo uma reflexão sobre as considerações levantadas pelos produtores, percebe-se que temática ambiental encontra-se setorizada, com a concepção reducionista das abordagens ambientais. De forma geral, para eles, o meio ambiente não faz parte da política, economia ou educação, sendo mostrado com um ângulo único, descolado dos problemas urbanos em seus mais diversos níveis: social, cultural, político, econômico e histórico. Daí se perceber a visão de que o que eles apresentam aos telespectadores como temas ambientais, sempre ligados à fauna e a flora, seja suficiente para retratar a realidade ambiental da região.

Por fim, foi questionado como a equipe classificaria o jornalismo realizado por eles. Do total de entrevistados, 42% declararam que classificam o telejornal como razoável. Já 29% consideraram bom e 29% disseram que é muito bom. As justificativas dadas pela maioria se devem à não existência de um critério seletivo em relação às matérias que entram no telejornal; a problemas ligados à estruturação da equipe jornalística, pois a equipe atual não está no mesmo nível apresentado há um ano atrás; à qualificação profissional da equipe, que poderia estar em um nível mais elevado, para incentivar a concorrência; a deficiências técnicas, como equipamentos e transportes para abranger outras cidades além de Ilhéus e Itabuna; à política de valorização dos funcionários da empresa que deveria ser melhor articulada, para se ter condições mais apropriadas de trabalho, valorizando os funcionários.

Para os 29% que consideraram o telejornal bom, ele faz o papel regional, trazendo informações de caráter local, aproximando do universo regional temas de âmbito nacional; e porque é um jornalismo de escola, formando profissionais que podem ganhar experiência na empresa e depois seguir para outros veículos de comunicação maiores. E o percentual que considerou o trabalho muito bom alega que, por terem poucos profissionais e a equipe ser pequena, consegue desenvolver um jornalismo de qualidade; porque todos têm muita responsabilidade com o que entra no ar, com o que vai ser dito como informação e a imagem como jornalista; e porque as pessoas não têm noção de como é difícil enquadrar tantos assuntos em um espaço de tempo reduzido como o do BMD.

Conclusão

De maneira geral, os produtores do BMD, da TV Santa Cruz demonstraram ter consciência da necessidade de abordarem temas ambientais e de se informarem melhor sobre o assunto. Contudo, a realidade apresentada pela estrutura do telejornal, pertencente a uma rede de emissoras, que segue um padrão pré-definido e tem que se enquadrar nas características próprias da empresa, dentro de um espaço reduzido, leva ao direcionamento pontual e superficial dos conteúdos.

Há dificuldades internas enfrentadas pela equipe, com a falta de acesso a informações vindas de outros setores da sociedade, embasando mais o conhecimento sobre a realidade ambiental. A qualificação profissional deveria ser levada em conta pelos dirigentes da empresa, pois como se revelou pelos dados obtidos, seria necessário um investimento maior, tanto da empresa, quanto dos próprios profissionais, em buscar qualificação adequada na área jornalística e, conseqüentemente, no jornalismo ambiental.

De maneira particular, os produtores são levados a priorizar, pela lógica da empresa, assuntos pouco relevantes para a compreensão da complexidade ambiental representada no contexto regional, como reportagens sobre comportamento e variedades, que não permitem uma reflexão maior sobre o tema. O que leva o programa a apresentar um caráter de superficialidade, passando uma imagem unilateral sobre a temática ambiental da região.

Diante do panorama apresentado sobre o telejornalismo desenvolvido pela TV Cabrália, no JMD, pode-se concluir que os seus produtores, sejam funcionários ou estagiários, estão subordinados à uma série de critérios instituídos empresarialmente, que faz com que muito do que poderia ser mostrado sobre as questões sócio-ambientais é omitida por falta de estrutura adequada de trabalho. Conseqüência deste modelo de gestão, a contratação de estudantes para atuarem como profissionais compromete a qualidade informativa telejornalística pois, devido à pouca experiência profissional, esses indivíduos não conseguem realizar um trabalho consistente e aprofundado.

Por outro lado, a própria concepção sobre meio ambiente impede, de forma geral, a identificação da problemática ambiental como pertencente ao cotidiano urbano

com um aprofundamento e uma interligação dos temas. É preciso maior interesse por parte dos profissionais em investigar mais, buscar mais informações e estar mais a par com relação aos problemas da cidade, passando a cobrar não de forma pontual, mas sistêmica de todos os setores competentes.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997, 143 p.

GERAQUE, Eduardo. **Perceber a biodiversidade – Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos**. In: VILAS BOAS, Sérgio (Org.). Formação & Informação Ambiental – jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Editora Summus, 2004, 206 p.

HOHLFELDT, Antônio. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação**. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Organizadores). Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001, 277 p.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 6º Edição, São Paulo: Edições Loyola, 2001, 171 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Agenda 21 Brasileira – Bases para Discussão**. Brasília: MMA/PNUD, 2000, 196 p.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, 157 p.

RAMOS, Luiz Fernando A. **Meio Ambiente e Meios de Comunicação**. SP: Annablume, 1995, 159 p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2003, 295p.